



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

ANA PAULA LIRA RAMOS

**A CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA:
ANÁLISE A PARTIR DA ICONOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA**

Miracema do Tocantins, TO

2023

Ana Paula Lira Ramos

**A construção do sentimento de infância:
Análise a partir da iconografia e historiografia**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema do Tocantins - TO para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Rosemeri Birck

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R175c Ramos, Ana Paula Lira.
A construção do sentimento de infância: Análise a partir da iconografia e
historiografia. / Ana Paula Lira Ramos. – Miracema, TO, 2023.
33 f.
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientadora : Rosemeri Birck
1. História. 2. Arte. 3. Infância. 4. Capitalismo. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANA PAULA LIRA RAMOS

A CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA:
ANÁLISE A PARTIR DA ICONOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins - TO, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 22/ 08/ 2023

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rosemeri Birck, Orientadora, UFT.

Prof. Dr. Márcio Bernardes de Carvalho, Examinador, UFT.

Profa. Dra. Ana Corina M. Spada, Examinadora, UFT.

RESUMO

O presente artigo analisou a construção do sentimento de infância como uma categoria histórica como pensamento hegemônico através da iconografia e historiografia, na qual, observou-se a criança medieval como um miniadulto, a criança burguesa e os trajes infantis, por fim, a criança adultizada do século XXI. Considera-se este tema essencial em tempos em que a criança é alvo de estímulos consumistas, incentivos adultos e obrigações da escola que a conduzem a crescer antes do tempo através de responsabilidades e compromissos que remetem a rotina de um adulto. Desse modo, a pesquisa objetivou discutir a constituição do sentimento de infância identificado nas pinturas em tela, a partir do século XII e a relevância do papel desempenhado por crianças na sociedade capitalista por meio de fotografias do século XIX. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico, com suporte em autores estudiosos da infância como: Ariès (1986), Postman (1999), Oliveira (2008) e Buckingham (2003). Na pesquisa compreendeu-se que a infância é uma construção histórica e que vem sofrendo mutações de acordo com a sociedade, cultura e classe social. Na contemporaneidade a criança é incentivada a crescer mais rapidamente através de comportamentos e obrigações adultas reforçados pela escola, família e mídia.

Palavras-chaves: História. Infância. Arte.

ABSTRACT

This article analyzed the construction of the feeling of childhood as a historical category as hegemonic thought through iconography and historiography, in which we observed the medieval child as a mini-adult, the bourgeois child and children's clothing, and finally, the adultized child of the 21st century. This theme is considered essential in times when children are the target of consumerist stimuli, adult incentives and school obligations that lead them to grow up before their time through responsibilities and commitments that are reminiscent of an adult's routine. In this way, the research aimed to discuss the constitution of the feeling of childhood identified in canvas paintings from the 12th century onwards and the relevance of the role played by children in capitalist society through 19th century photographs. This is a bibliographical study, supported by authors who study childhood, such as Ariès (1986), Postman (1999), Oliveira (2008) and Buckingham (2003). The research showed that childhood is a historical construction that has undergone changes according to society, culture and social class. In contemporary times, children are encouraged to grow up more quickly through adult behaviors and obligations reinforced by school, family and the media.

Key-words: History. Childhood. Art.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	MOVIMENTOS HISTÓRICOS DA INFÂNCIA.....	09
2.1	A construção do sentimento de infância como uma categoria de análise estrutural e histórica.....	10
2.2	Como as pinturas em telas podem servir de diálogo nas discussões acerca da concepção de infância, a partir do século XII.....	16
2.3	As mutações sofridas pela infância na sociedade contemporânea capitalista através da fotografia.....	23
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir do Plano de Trabalho “Historiografia e a construção do sentimento de Infância sob o olhar da iconografia” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2022-2023), no qual, se propôs realizar um estudo sobre o tema da infância na história, na Arte, na cultura e na sociedade. Nesse sentido, neste projeto buscou-se aprofundar a pesquisa inicial do PIBIC, uma vez que urge a necessidade de pesquisas que estudam a infância que emerge na atualidade, tendo em vista a ideologia capitalista e seus impactos na infância.

O estudo deste tema é essencial para discentes do curso de Pedagogia, visto que é um curso que forma professores que irão trabalhar e interagir com crianças, logo, é imprescindível que esses futuros profissionais estudem e se apropriem da nova categoria de infância que emerge na contemporaneidade. Tempos estes em que a criança é alvo de estímulos consumistas, incentivos adultos e obrigações da escola que a conduzem a crescer antes do tempo através de responsabilidades e compromissos que remetem a rotina de um adulto.

Desse modo, para compreender a criança na sociedade capitalista contemporânea o pedagogo precisa revisitar a historiografia da infância e estudar quais as consequências desta infância que se desenvolve em uma sociedade de consumo excessivo, redes sociais com acessos ilimitados que revelam os segredos da vida adulta, e buscar entender os impactos dessa nova realidade no desenvolvimento da criança no século XXI.

Para que seja possível compreender a construção do sentimento de infância hegemônico que surge dentro da burguesia, e entender o surgimento de uma nova categoria de infância no século XXI, é necessário revisitar a história, tendo em vista que a própria infância é um artefato social construído ao longo do tempo. Desse modo, observa-se como a criança medieval era ignorada pelos adultos, uma vez que a sociedade não compreendia os estágios de amadurecimento da vida, assim, a partir dos sete anos quando não mais dependia do colo da mãe, a criança era inserida no mundo adulto, passando a desvendar os segredos da vida adulta.

Por meio da arte pode-se observar que nas telas do século XII a criança era representada como um adulto em miniatura, o seu corpo infantil e suas feições angelicais eram substituídas por uma aparência deformada adultizada. Isso acontecia, pois, não havia separação entre criança e adultos na sociedade. É no século XIV, com o surgimento da Renascença e com os movimentos do Estado, Igreja e Família que a criança se torna uma

figura importante na sociedade, e conseqüentemente nas artes. Contudo, a gênese do sentimento de infância é exclusiva das classes abastadas.

Nas telas do século XIV a criança abastada ocupa o centro da pintura, percebe-se o sentimento de infância florescendo a partir das modificações nas vestimentas da criança, ou a forma como os pais pousavam para a pintura de modo que a criança ficasse centralizada no quadro. Assim, se desenvolvia também o sentimento de família, uma vez que os adultos responsáveis por essa criança estavam preocupados com a sua formação e dedicavam mais tempo e cuidado a ela. Deste sentimento, urge a necessidade de educar a criança, e então surge a escola.

Ao longo das mutações da ideia de infância na história no século XXI, emerge uma questão: estamos diante de uma nova categoria de infância ou se a infância estaria desaparecendo? Para analisar essa questão é necessário revisitar a historiografia da infância e a iconografia, nesse sentido, para finalizar este trabalho pretende-se identificar como a infância contemporânea se manifesta tendo em vista a sociedade capitalista neoliberal a qual estamos inseridos.

De posse deste questionamento, a pesquisa tem o intuito de discutir a constituição do sentimento de infância identificado nas pinturas em tela, a partir do século XII e a relevância do papel desempenhado por crianças na sociedade capitalista por meio de fotografias do século XIX. E tem por objetivos específicos: a) identificar a construção do sentimento de infância como categoria de análise estrutural e histórica; b) evidenciar como as pinturas em telas podem servir de diálogo nas discussões acerca da concepção de infância, a partir do século XII, e por fim, c) analisar por meio de fotografias as mutações sofridas pela infância na sociedade capitalista e refletir se estamos diante do desaparecimento ou de uma nova modalidade de categoria de infância.

O presente artigo investigou a constituição do sentimento de infância, observando a criança desde o período medieval, as formas de tratamento e cuidados para com essa categoria histórica até chegarmos ao período do Renascimento, quando essa personagem anônima se torna uma figura de relevância em pinturas em tela.

A partir de então, a iconografia permite que seja possível desenvolver um diálogo acerca da construção histórica da infância e do sujeito criança, observando as mutações sofridas através das relações materiais e históricas ao longo do tempo. As discussões propostas estão organizadas em três objetivos específicos que buscam discutir o desenvolvimento do sentimento de infância sob o olhar da iconografia. Na proposta metodológica de trabalho a pesquisa foi desenvolvida com caráter de revisão bibliográfica, a

partir de teses, dissertações e artigos que tratam do tema. A pesquisa caminhou no sentido da análise na perspectiva qualitativa e foi desenvolvida a partir da perspectiva do materialismo histórico crítico-dialético a qual possibilita a busca da compreensão do objeto da pesquisa para além de sua aparência.

Nesse sentido, o referencial teórico selecionado para a leitura bibliográfica do estudo deste artigo baseia-se em autores estudiosos da infância como: Ariès (1980), Postman (1990), Heywood (2004), Oliveira (2008) e Buckingham (2003). E as pinturas em tela e fotografias selecionadas para a observação foram retiradas em sua maioria do site Google Arts & Culture.

2 MOVIMENTOS HISTÓRICOS DA INFÂNCIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva crítico-dialética, e busca discutir a constituição do sentimento de infância identificado nas pinturas em tela, a partir do século XII e a relevância do papel desempenhado por crianças na sociedade capitalista por meio de fotografias. A intencionalidade deste estudo é a busca pela concepção da infância nas pinturas em tela e nas fotografias, isso porque a história da arte se confunde com a própria história da raça humana.

A análise e compreensão da infância a partir da arte possibilita uma sinonímia, exatamente porque a infância, bem como a arte, são invenções humanas. Por meio da arte podemos observar a forma material da existência humana e nessa observação é possível estabelecer correlações entre arte, infância e sociedade como formas de “[...] elucidar e particularizar processos históricos” (COTRIM, 2012, p. 14). Considera-se a arte como processo de trabalho, ou seja, uma atividade deliberada para atender aos desejos humanos, desse modo:

tôda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as idéias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1977, p. 17).

Assim como a arte, a infância é algo culturalmente construído, o que implica dizer que alcança terrenos amplos e não se restringe a uma única particularidade. Para Heywood (2004) a representação da infância na arte até o século XIII não era de interesse dos artistas e não existia objetividade no mundo concreto, pois a considerava desordenada e não guardava lembranças que pudessem retratar.

Nosso recorte histórico se dá a partir do século XII quando as pinturas em tela começam a apresentar os primeiros indícios de crianças, com um sentimento mais próximo da Modernidade. A infância passou a ser retratada, conjuntamente, às temáticas religiosas, como anjos ou na figura do menino Jesus sempre ligada a Virgem Maria, somente após esse período histórico-social é que temos uma alusão ao detalhamento do que vem a ser infância.

O trabalho em tela busca trazer reflexões a respeito dos sentidos de infância retratados em pinturas em tela a partir do século XII e as mutações que o sentimento de infância adquire ao longo da sociedade pós-moderna capitalista por meio de fotografias em campanhas publicitárias. Nessa perspectiva, analisa-se o processo de fragmentação da realidade, em que

não é mais possível pensar essa categoria no singular, mas, sim, no plural, ou seja, infâncias e crianças. Ao adotar a perspectiva historiográfica busca-se visualizar uma nova configuração para o sentimento de infância, “[...] de natureza materialista e não idealista [...]” (HERMIDA, 2020, p. 24), pondo em relevo o papel destinado às crianças em tempos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais.

Com este estudo pretendeu-se elaborar uma crítica ao tema da historiografia e a construção do sentimento de infância sob o olhar da iconografia, concebendo crítica na perspectiva adotada por Saviani (2009, p. 200), que afirma que “[...] estudar criticamente determinado fenômeno significa buscar os seus condicionantes, os seus fatores determinantes”. Nesse sentido, parte-se do pressuposto que, para entendermos a constituição do sentimento de infância devemos considerá-la no contexto que está inserida.

Por fim, para o desenvolvimento deste estudo faz-se necessário considerar as contradições do contexto do desenvolvimento da sociedade capitalista, visto que a educação da criança carrega consigo também as contradições da sociedade capitalista.

2.1 A construção do sentimento de infância como uma categoria de análise estrutural e histórica

Nesta etapa inicial da pesquisa, para que se possa compreender a constituição do sentimento de infância é necessário revisitar a história desde o período medieval, e analisar as manifestações deste sentimento que surge no núcleo da família burguesa, e, assim, entender como esta classe hegemônica influenciou no reconhecimento da criança como um ser que necessitava de sua própria classe e cuidados especiais na sociedade, na família e na iconografia.

Pode-se considerar que a infância é uma categoria historicamente construída ao longo do tempo como artefato social, e não uma categoria biológica que deriva de nossos genes. Desenvolve-se em meados do século XVII, durante o período do Renascimento, reconhecido movimento artístico que impactou no reconhecimento da figura da criança. O historiador Ariès (1986), pioneiro nos estudos da infância ocidental, relata que a criança na Idade Média vivia nas sombras do anonimato, visto que para a sociedade medieval não havia distinção entre criança e adultos, pois, não se compreendia os estágios da vida.

O autor aponta que ao completar sete anos de idade, após o período do desmame, a criança era considerada um adulto em miniatura, pois, seus dentes já estavam firmes e bem formados, e esta era capaz de formar frases para se comunicar, o que marcava uma mudança

em sua sociabilidade, introduzindo-a no mundo adulto ou dos estudos. (HEYWOOD, 2005, p. 240)

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de enfant (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem e nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes (ARIÈS, 1986, p. 36).

No período medieval a mortalidade infantil atingia altos níveis, a criança que sobrevivia após o parto vivia um período que Ariès chama de: “*paparicação*”, que de acordo com o autor era “[...] reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico” (ARIÈS, 1986, p. 10).

E, caso viesse a morrer, era instruído aos pais da criança que não derramassem lágrimas pelo acontecimento, porque logo o casal viria a ter mais filhos, fato que revela a ausência da medicina moderna, que viria a surgir no final do século XIX, sujeitava a criança a uma condição de vulnerabilidade em que “ter filhos era um empreendimento arriscado” (HEYWOOD, 2004, p. 239). Com relação à criança que sobrevivia, assim que alcançava certa idade e passava a não depender mais do colo da mãe, era inserida no mundo dos adultos. Considerando que a sociedade medieval não compreendia que existiam outras etapas até se atingir a idade adulta, a criança quando inserida nesse meio, passava a descobrir e interagir com os segredos adultos.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIÈS, 1986, p. 10).

Segundo Niehues e Costas (2012), na Roma Antiga, o nascimento de uma criança não se tratava apenas de um acontecimento biológico, uma vez que dependia da aceitação paterna, o ato de elevar a criança após o nascimento demonstrava que o pai estava aceitando o filho na família. Além disso, o nascimento de uma criança, a depender do seu do sexo, representava diferentes tratamentos, visto que os meninos eram recebidos com celebrações, e as meninas eram consideradas resultados de relações sexuais corrompidas por libertinagem (CALDEIRA, 2008).

[...] a celebração do nascimento de uma criança se diferenciava de acordo com o sexo da mesma. Um exemplo é a Bretanha do século XIX, em que a chegada de uma criança do sexo masculino era saudada com três badaladas de um grande sino, enquanto a chegada de uma criança do sexo feminino era saudada com apenas duas badaladas e de um sino pequeno (CALDEIRA, 2008, p. 2).

No campo artístico do século XII, Ariès (1986) disserta que a arte medieval não representava uma criança, mas sim, um adulto em tamanho reduzido. Era comum que o artista se recusasse a representar com veemência a morfologia infantil em suas pinturas. Em decorrência disso, a representação do corpo da criança aparecia de modo deformado, muito longe da visão real que se tinha. Assim, a interpretação infantil na arte neste século era de um adulto em miniatura, demonstrando a quase inexistência da separação entre às categorias adulto e criança.

Esse modelo artístico prolonga-se até o século XIII, que de acordo com Ariès (1986, p. 51): “No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido.” Um exemplo está na reprodução da pintura *Madonna e Criança* (1310-1315) de Giotto Di Bondone, na Figura 1 em que o menino Jesus no colo da Madonna está envolto em um lenço dourado, enquanto sua feição facial revela características típicas adultas, sobretudo, o corte de cabelo semelhante a um homem mais velho. Assim como, o seu peitoral que é retratado com músculos adultificados.

Figura 1 - Madonna e Criança (1310-1315)



Fonte: National Gallery of Art

Outro período que demonstra o descaso para com a criança é o século XVII, quando a prática do infanticídio era comumente realizada e, embora fosse um crime pelo Estado e Igreja, ainda assim, o infanticídio acontecia em segredo no espaço privado familiar,

acarretando neutralidade social, e que Ariès (1986), denomina de “civilização do segredo”. Conforme o autor era comum que as famílias justificassem que a morte da criança havia sido acidental, no entanto, a realidade era que ao ser posta na cama dos pais para dormir, a criança era asfixiada pelo adulto, para que então a morte pudesse aparentar ter sido de causas naturais.

Com o tempo bispos de igrejas passaram a proibir que a criança dormisse com os pais na mesma cama, para evitar esse tipo de morte. A partir disso, percebe-se no final do século XVII o início de uma mudança social, quando movidos pelo senso de moralização, Igreja e Estado realizaram movimentos para evitar que a criança participasse das particularidades do mundo adulto, amparados pela família da criança.

Essa separação - e essa chamada à razão – das crianças deve ser interpretada como uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado. Mas ela não teria sido realmente possível sem a cumplicidade sentimental das famílias [...] (ARIÉS, 1986, p. 11).

Postman (1999, p. 51) afirma que “depois dos séculos dezesseis e dezessete reconheceu-se que a infância *existia*, que era uma característica da ordem natural das coisas.”, desse modo, a figura da criança passou a implicar a demanda de cuidados especiais, proteção e compreendeu-se que essa categoria necessitava da sua própria classificação. É assim que surge a classe infantil, quando a criança é separada do mundo adulto para experienciar o seu próprio universo.

Ariès (1986) disserta que posteriormente, após ter sido removida do mundo adulto, a criança era incluída em uma quarentena, que viria a ser a escola, o colégio ou o internato. Contudo, a construção do sentimento de infância ocorre inicialmente, nas classes mais abastadas, e depois se desloca para as classes mais pobres. Desse modo, a partir do momento em que era excluída da convivência adulta, tornava-se essencial que essa criança fosse inserida na cultura letrada para aprender a ler e escrever.

Dai surge à necessidade da escolarização da criança, na qual é legítimo afirmar que o desenvolvimento do sentimento de família entre os séculos XV e XVIII é a manifestação do processo de passagem de um tipo de sociabilidade a outro. Nesse movimento de individualização dos grupos e destruição das formas coletivas de existência, a família burguesa cria o espaço privado, pois não suportava mais o contato com o povo, “[...] ela se retirou da vasta sociedade polimorfa para se organizar à parte, num meio homogêneo, em famílias fechadas” (ARIÉS, 1986, p. 98).

É importante salientar que anterior ao sentimento de família, na Idade Média, o que se conhecia entre as famílias abastadas era o sentimento de linhagem, “caracterizado pela extensão aos laços de sangue, sem levar em conta a coabitação e a intimidade” (BRAGA, 2015, p. 17).

Assim, com o desenvolvimento do sentimento de família privada, Ariès (1986) descreve que a família passa, gradativamente, a ficar longe da rua e de praças para se recolher dentro das casas. Esse espaço privado e íntimo da família coloca a criança como o centro das relações, tudo gira em torno dessa figura que antes era negligenciada. A partir desse acontecimento, desenvolve-se também o sentimento de infância. Pois, nota-se que a criança que antes vivia misturada com os adultos, agora possui um lugar de destaque na sociedade, e torna-se impossível substituí-la.

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIÈS, 1986, p. 12).

Com o sentimento de família surge a necessidade de exaltá-la através de retratos no século XVI, sobretudo, em famílias abastadas. Ao fundo das pinturas era comum ter a presença de inscrições contendo informações gravadas, datando informações sobre os membros da família que posavam para o retrato, que posteriormente viria a transformar-se em álbuns de fotografias e diários familiares. Estes retratos datados, segundo Ariès (1986, p. 32) expressa que “[...] as pessoas sentiam necessidade de dar à vida familiar uma história, datando-a.”

O retrato abaixo na Figura 2, é intitulado *Martin de Vos, Joanna Hoefmans and Antonio Anselmo com seus filhos, Joanna e Aegidio (1577)*, pertence ao Museu de Brussels, e demonstra esse estilo de retrato datado, e, em primeiro plano, Joanna está em pé próxima ao pai e Aegidio está sentado no colo da mãe e segura um brinquedo nas mãos, e no terceiro plano, centralizado entre o casal, está a inscrição contendo informações sobre a família.

Figura 2 - Martin de Vos, Joanna Hoefmians and Antonio Anselmo com seus filhos, Joanna e Aegidio (1577)



Fonte: sixteenth-centuryeurope.blogspot

Influenciado pelo movimento de pintura clássica, o *putto* é outra manifestação artística que surge entre os séculos XV e XVI, ao mesmo tempo em que emerge os retratos infantis, contudo, o *putto* retratava a criança nua, com características irrealis, semelhantes a seres mitológicos. Segundo Ariès (1986, p. 62), “o gosto pelo *putto* correspondia a algo mais profundo do que o gosto pela nudez clássica, a algo que deve ser relacionado com um amplo movimento de interesse em favor da infância”. Todavia, a representação infantil não remetia a criança histórica real, visto que estava ornamentada e estruturada como um ser angélico que só existiu no mundo das fantasias e mitologia. A Figura 3, *Putti fazendo música* (1768) de Francois Boucher abaixo revela o aspecto lúdico deste movimento artístico.

Figura 3 - *Putti fazendo música* (1768)



Fonte: RepublicArt

O termo *putti* no título da pintura deriva do latim, que significa menino, e é o vocábulo utilizado para designar a criança na arte *putto*. Na tela as três crianças estão sentadas sob as nuvens, os tons azulados do céu e os pares de asas presentes em suas costas remetem ao sentimento de pureza e fantasia mitológica deste estilo. Boucher, para não exibir a completa

nudez dos meninos, ornamenta seus corpos com cueiros, como, por exemplo, a terceira criança, da esquerda para a direita, com o tecido dourado entre as pernas. Os *puttis* na obra estão diante de partituras e instrumentos musicais, e no terceiro plano da tela, pássaros sobrevoam a cena mitológica.

Outro fato que demonstra a preocupação do adulto com a criança ocorre entre os séculos XVI e XVII, na qual a família preocupava-se com o batismo da criança, pois, seria uma forma de salvar a alma do recém-nascido. Ariès (1986) relata a existência de milagres que aconteciam com a criança que morria antes de ser batizada e era levada para santuários de ressurreição. Nesse local, o cadáver da criança era posto sob os altares e esperava-se por sinais de reanimação, para que então pudessem batizá-la. Em alguns casos, uma vela se acendia sobrenaturalmente durante esse momento, o que surpreendia as pessoas muito mais do que a própria ressurreição da criança morta.

Esse fenômeno ilustra o sentimento de preocupação e afeto que o adulto passou a sentir pela criança, visto que o batismo representava a salvação da alma da criança antes mesmo do seu corpo. Sobre isto Oliveira (2007, p. 34) relata que “a preocupação com as crianças se estendia até mesmo aos natimortos, para os quais havia capelas exclusivas na esperança de salvação de suas almas.”. Assim como no século XIV, a criação de túmulos para crianças nobres, com figuras em que a criança está enrolada em cueiros e a laje do túmulo grifada com um epitáfio dedicado ao infante falecido. Essa prática anunciava, para Ariès (1986), os indícios da descoberta da infância e o sentimento de saudade por esta criança que partiu tão cedo.

Assim, é possível constatar que a construção do sentimento de infância procede da construção da história da família burguesa, uma vez que a formação da família burguesa não correspondeu, ao mesmo tempo, a formação da família nas classes populares.

2.2 Como as pinturas em telas podem servir de diálogo nas discussões acerca da concepção de infância, a partir do século XII

Neste segundo momento da pesquisa, as pinturas em tela oferecem a possibilidade de observar o desenvolvimento do sentimento de infância, em que após ser removida do espaço adulto, a presença da criança passa a ser comum em telas, o vestuário infantil é adotado pelas classes abastadas e Cândido Portinari nos apresenta a criança brasileira do século XX.

Anterior ao século XIV a infância não era representada na iconografia como um assunto popular ou de importância para o artista. E embora haja indícios de pinturas de

infantes na arte sacro religiosa do século XIII, ainda assim, a criança e suas particularidades não eram a essência das pinturas. Além disso, pintavam músculos de homens nos corpos que deviam ser infantis, traços de expressões faciais adultas, e alguns pintores tinham receio de retratar a nudez da criança. Nas pinturas religiosas “[...] o sentimento encantador da tenra infância permaneceu limitado ao menino Jesus até o século XIV, quando, como sabemos, a arte italiana contribuiu para desenvolvê-lo e expandi-lo” (ARIÈS, 1986, p. 53).

Esta contribuição que nasce na Itália no século XIV a qual Ariès (1986) refere-se, é o Renascimento, na qual a temática do homem, seu espírito e mundo passam a ser explorados pelos artistas, o enfoque não está mais no teocentrismo. Logo, a criança, personagem secundário na iconografia, passa então a ser retratada entre os séculos XV e XVI. É importante salientar que até este período o sentimento de infância desenvolvia-se, mas, a criança ainda não havia sido retirada do mundo dos adultos. Ariès (1986) relata que com o Renascimento em voga, a criança torna-se uma figura comum nas pinturas, de modo que passa a ser representada em cenas de seu cotidiano.

a criança com sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos. A criança na multidão, mas ressaltada no colo de sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou as circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor etc.; ou a criança na escola, um tema freqüente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIV (ARIÈS, 1986, p. 55).

O artista Pieter Bruegel, o Velho, foi um importante precursor do renascimento, e era conhecido por pintar paisagens naturais e o cotidiano do homem camponês em suas telas. Em *The Census At Bethlehem* (O censo em Belém), de 1566, Bruegel, na Figura 4, retrata um povoado castigado pela temperatura gélida do inverno, em que as árvores perdem as folhas e o telhado das casas é coberto pela neve. As crianças e suas brincadeiras no ambiente adulto eram comumente lembradas nas obras do artista, como é possível observar nos recortes da Figura 5, retirados da própria tela citada acima, em que as crianças brincam em um lago congelado.

Figura 5 - The Census At Bethlehem (1566)



Fonte: Google Art&Culture

Figura 5 - Recortes da pintura.

Fonte: Compilação do autor ¹

No primeiro quadro da Figura 5, uma criança arrasta a outra que está montada em um brinquedo de madeira, próximo às duas, uma criança de braço erguido brinca com o pão jogado sob o gelo. Preparando-se para adentrar no lago congelado, a criança no segundo quadro, está calçando seus patins de madeira. E no terceiro quadro, a criança desliza sob a pista de gelo sentada em um osso de vaca, visto que no passado era comum que os restos de animais se tornassem brinquedo. Como, por exemplo, a criança no último quadro que utiliza uma bexiga de porco como uma bola para brincar.

Em meados do século XV, nas classes abastadas percebe-se que o sentimento de infância se desenvolvia. Segundo Ariès (1886), sentia-se uma constância da nobreza em diferenciar o traje da criança do traje adulto. Nesse período, a criança deixa de ser enrolada em cueiros e torna-se um hábito entre essa classe vesti-la com vestidos ou túnicas longas que antes pertenciam aos adultos. Tais vestimentas poderiam conter botões na frente, calças justas por baixo, mangas falsas e fitas que se prendiam nas costas da criança. Semelhante à pintura de Philippe de Champaigne, *As crianças de Habert de Montmort* (1649).

¹ Montagem a partir de imagens coletadas do site Google Arts & Culture.

Figura 4: As crianças de Habert Montmort (1646)



Fonte: MaisterDrucke

Na tela da Figura 6, a esquerda se encontra o filho mais velho de Habert, que conforme os escritos de Ariès (1986), tem 10 anos, e a presença da capa em seu traje é um símbolo da aparência adulta, sugere que ele está prestes a sair do colégio e adentrar o mundo do trabalho. Os garotos gêmeos de 4 anos, a direita na tela, estão com os ombros colados e as mãos juntas, ambos estão trajados com vestidos longos que podem ser abertos na frente, pois possuem botões para a abertura. Diferentemente do vestido da menina mais velha sentada ao centro da obra, em que seu traje não apresenta botões na frente, ilustrando as diferenças relativas entre vestuário infantil e gênero sexual.

O autor destaca que esse traje além de discernir a criança dos adultos, também indicava a posição social e o capital que a família detinha.

A adoção de um traje peculiar à infância, que se tornou geral nas classes altas a partir do fim do século XVI, marca uma data muito importante na formação do sentimento da infância, esse sentimento que constitui as crianças numa sociedade separada dos adultos (de um modo muito diferente dos costumes iniciatórios) (ARIÈS, 1986, p. 77).

Contudo, Ariès (1986) salienta que esse avanço no sentimento de infância na nobreza, privilegiava, sobretudo, os meninos, que são os primeiros a deixar os cueiros para vestir os uniformes que os separavam dos adultos, assim como, são os primeiros a frequentar os colégios para se especializar. Em contrapartida, um longo tempo se passou até que as meninas pudessem ir à escola, assim, durante um longo período da história permaneceram trajadas como mulheres adultas e sendo confundidas como adultas.

Ariès (1986) salienta que o despertar do sentimento de infância nas classes abastadas foi necessário, tendo em vista que no futuro viria a influenciar as outras camadas, mas inicialmente esse sentimento estava restrito a nobreza. Por isso, os camponeses vestiam-se

com roupas de segunda mão, assim, nessa classe desfavorecida não havia vestimentas de separação entre criança e adultos.

As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representadas usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras (ARIÈS, 1986, p. 81).

O século XVII foi um período profícuo para a difusão do sentimento de infância e os retratos de família tornam-se populares, de modo que os próprios membros se organizavam para que a criança pudesse pousar sozinha ou que estivesse centralizada na tela. Dado que no século XVIII o sentimento de infância coexiste com o sentimento de família, momento em que as famílias burguesas despertam para a necessidade de retratar seus filhos em telas.

Na iconografia brasileira, Oliveira (2007) relata que no período setentista as obras que compunham as telas da arte estavam direcionadas para a temática do trabalho, e embora houvesse casos de trabalho infantil e exploração de crianças negras em navios negreiros, essa realidade colonial não chegava a ser retratada. A autora destaca a existência de esculturas de anjinhos que representavam a criança mulata e mestiça, assim como, fotografias de famílias brasileiras, neste caso, entretanto, a criança era vista através de “um olhar adulto, que ainda supervisiona e enaltece os aspectos de seus próprios interesses” (OLIVEIRA, 2007, p. 49).

No Brasil, o modernista Cândido Portinari tornou-se, com suas obras, um dos pioneiros na representação da infância brasileira. Filho de imigrantes italianos nasceu no dia 30 de dezembro de 1903 no interior de São Paulo, na Fazenda Santa Rosa, na cidade de Brodowski. Conforme Oliveira (2007), a família de Portinari mudou-se para uma pacata estação em Brodowski com poucos habitantes quando tinha dois anos de idade, onde o pintor viveu uma infância agradável.

Candinho, como era chamado pela molecada, cresceu num ambiente sadio, de campos de futebol, festas caipiras, terra roxa e vermelha, bandas de música, meninos que brincavam com toda sorte de brinquedos artesanais e cultivavam jogos infantis. Montado no carro de boi, as plantações de café eram um local de exploração, de descobertas do menino. Seu dia-a-dia era preenchido pelo conhecimento de bichos, como tatus, saracuras, seriemas, pela armação de arapucas e pela delícia das frutas arrancadas no pé (OLIVEIRA, 2007, p. 74).

As pinturas do artista permitem a possibilidade de compreensão da criança dos séculos XX e XXI, tendo em vista que Portinari foi um revolucionário, engajado em pautas políticas e um crítico acerca das injustiças brasileiras. O pintor expunha em suas obras uma criança que fugia do aspecto lucrativo do capitalismo, de modo que pintava a criança como ela se

apresentava, respeitando a sua estatura, recusando o retrato de uma criança adultizada, vítima do consumismo e da comercialização do mercado capitalista (OLIVEIRA, 2007).

Em suas telas dedicadas a infância, como *Roda Infantil* (1932) e *Futebol* (1935) é possível observar os resquícios da infância pacata do próprio artista, valorizando a diversidade cultural, a socialização infantil, a ludicidade das brincadeiras e a riqueza dos brinquedos artesanais. Além disso, Oliveira e Ribeiro (2014) apontam os recortes reais que estão inseridos dentro das pinturas do autor sobre a temática da infância, e através da psicanálise de Lacan, as autoras atentam para o olhar como um objeto pulsional em que Portinari expressa o sentimento de morte e melancolia em suas narrativas iconográficas.

Figura 5 - Roda Infantil (1932)



Figura 6 – Futebol (1935)



Fonte: Google Arts & Culture

Na Figura 6, o modernista revive uma das brincadeiras mais tradicionais do universo infantil, a ciranda. A tela é composta por nuances amarronzadas, dando enfoque ao elemento terra que compõem a paisagem da infância interiorana, as crianças a brincar, figuras centrais da tela, não possuem feições faciais. Na análise das autoras supracitadas, estas crianças ocultas e o menino excluído da roda, no canto direito da tela, reforçam o olhar pulsional, de melancolia e morte do pintor que

[...] não retrata a si mesmo ou exatamente um ou outro amigo com quem brincava, não se trata de uma criança, somos todos nós, o humano que muitas vezes se mostra despersonalizado, mas que fala de todas as pessoas. A infância é esse retorno do\ao adulto marcado ao impossível de se reviver, mas que é acessado pelas memórias, cenas, imagens e narrativas montadas, recortadas, reconstruídas, deturpadas e entrecruzadas. Essas faces embaçadas e descaracterizadas representam mais que uma criança, é a relação vida e morte encarnada que perpassa a infância. (OLIVEIRA, RIBEIRO, 2014, p. 459, 460)

Na Figura 7, o artista explora tons pastéis no céu e nuances de marrom no chão, que por sua vez, sobrepõe-se novamente sob a tela. Aqui o pintor recria um povoado interiorano, delimitado por cercas de madeira e arames, a fim de separar a vegetação e os animais do

espaço de convivência das pessoas. Em destaque na tela está um grupo de onze meninos brincando de futebol, o movimento de seus corpos indica o comportamento característico do jogo. Ao fundo da pintura, uma cruz se ergue no horizonte e atrás dela percebe-se a existência de um cemitério, que indica que Portinari “apresenta essa cena como se o cemitério fizesse parte da brincadeira, não só no imaginário das crianças, mas a sua concretude, a morte está ali sendo simbolizada. Ela mora ao lado, ao lado da brincadeira, é o real que ultrapassa a vida” (OLIVEIRA, RIBEIRO, 2014, p. 463).

Através das obras de Cândido Portinari, é possível vislumbrar o auge do sentimento de infância na modernidade, em que a criança é tida como uma cidadã com direitos amparados por leis, que deve ser protegida e respeitada. Após a análise das pinturas acima, percebe-se que as telas retratam crianças que tiveram a oportunidade de vivenciar a infância em seu mais puro estado, através das brincadeiras coletivas e dos jogos.

Contudo, Portinari, também trouxe às telas a realidade dos que tiveram suas infâncias negligenciadas, como, por exemplo, em *Criança Morta* (1994) e *Os Retirantes* (1944), na qual o artista expõe a realidade dos sujeitos excluídos, invisíveis, aos olhos da sociedade, articulando-se como um espelho da realidade brasileira do século XXI.

Figura 7 - Criança Morta (1994)



Figura 8 - Retirantes (1944)



Fonte: Google Arts & Culture

Na figura 8, Portinari expõe a miséria, pobreza e o luto de uma família que acaba de perder uma criança. Sobre esta tela, Barroco (2007) destaca que as tonalidades escuras escolhidas para compor a pintura, como, o azul escuro no céu, manifesta o sentimento mórbido da morte da criança que está nos braços na mãe, enquanto o resto da família se dispõe ao redor de seu luto. Percebe-se que todos possuem corpos extremamente magros, esqueléticos, devido à miséria em que vivem. E a presença de uma cabaça no chão indica, segundo a autora, a possível origem da família de retirantes nordestinos.

Há, sim, um sofrimento muito grande expresso nos semblantes, um misto de tristeza e desespero, de impotência diante da vida ou da morte, como se o céu se fechasse para eles. Não há nada atrás e nada à frente; não há perspectivas. As pessoas estão abandonadas a própria sorte. Não há cor, não há adorno, não há roupa. Não há bons modos, as pessoas estão em estado de “cruza”, passam fome até a morte. (BARROCO, 2007, p. 149)

A temática dos retirantes retorna na Figura 9, na qual, a família é composta por pessoas magras, com olhos saltados, de semblantes tristes. Barroco (2007) observa que a expressão corporal abatida dos indivíduos, a falta de roupas e de calçados, revela o contexto de miséria que enfrentam. O bebê no colo da mãe está esquelético a ponto de exibir os ossos do corpo, o que demonstra que a criança vive um período de inanição profunda.

Desse modo, através de sua arte, Portinari expôs a desigualdade social e a marginalização de grupos sociais, demonstrando a existência de outro tipo de família, que foge dos privilégios da família burguesa contemporânea do século XIX, o pintor trouxe para suas telas a família da criança pobre, marginalizada.

Essas telas procuram recompor um cenário vivenciado e visto por ele quando criança, e sua visão da criança morta, da criança que chora por comida, por tristeza, por fome e por uma vida melhor, lembra em muitos aspectos a figura explorada do ser infantil nos cafezais, a dos pedintes nos semáforos que hoje povoam o Brasil e as ruas das cidades brasileiras (OLIVEIRA, 2008, p. 13).

Em suma, a criança tornou-se personagem central da iconografia a partir da Renascença, em classes abastadas, quando seus traços infantis passam a ser retratados fielmente, abandonando a peculiaridade adulta. Essa mudança posteriormente perpassa as telas e se desloca para o vestuário infantil, que antes não existia. Assim, a categoria que antes vivia no anonimato, assume o papel de protagonista na tela de artistas no decorrer da história.

2.3 As mutações sofridas pela infância na sociedade contemporânea capitalista através da fotografia

Na etapa final da pesquisa, explorou-se as mutações da infância ao longo do tempo, tendo em vista a lógica capitalista vigente e sua repercussão sobre a figura da criança moderna. Sugeriu-se que estamos diante de um possível desaparecimento da infância ou o surgimento de uma nova categoria de infância, e as fotografias de campanhas publicitárias servem como instrumento desta análise.

De acordo com Buckingham (2006), a infância contemporânea tem sua gênese na modernidade, na qual o período renascentista e a expansão do capitalismo industrial fortaleceram o movimento de retirada da criança do mundo adulto, sobretudo, da classe burguesa, criando

fronteiras para separá-la e fundar sua própria categoria. A difusão de ideias Iluministas propagou o imaginário de que a criança deveria ser ensinada, controlada e moldada por pensamentos racionais.

Em vista disso, Buckingham (2006) e Ferreira; Ferreira e Melo (2021), destacam que na contemporaneidade emerge uma nova categoria de infância, a infância adultizada. Embasadas em sociólogos da infância, Weber e Francisco-Mazzeffolli (2016) dissertam que a infância adultizada é o resultado de transformações da contemporaneidade, sobretudo, o enfraquecimento das linhas divisórias entre mundo adulto e infantil, em que os gostos, estilos e comportamento entre as duas categorias se confundem.

Compreende-se que as características infantis já não correspondem àquelas de séculos passados. A infância está diferente, o que é natural, uma vez que toda a sociedade passou por transformações. Porém, nesse novo contexto um fenômeno se destaca: roupas, hábitos alimentares, padrões linguísticos, brincadeiras, atitudes, desejos e aparência das crianças cada vez mais se parecem com características adultas (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 3).

Dessa maneira, as autoras pontuam três agentes sociais que são responsáveis por mediar a criança nesse ambiente de socialização adulta: família, escola e mídia. A família, como primeiro elemento, tem passado por mudanças sociais, como: o aumento da jornada de trabalho dos pais, a diminuição da natalidade infantil e aumento da longevidade. Estes são aspectos fundantes para que a criança passe a conviver mais com adultos do que com crianças.

Parafraseando Buckingham (2006) e Crivelaro (2006) as autoras supracitadas suscitam que a família moderna dedica boa parte do orçamento familiar em despesas com a criança, sobretudo, comprando “mimos” com a finalidade de “recompensar a falta de tempo e ausência em casa” (WEBER; FRANCISCO-MAZZEFFOLLI, 2016, p. 4).

Contudo, tendo em vista as pressões da sociedade capitalista vigente, Buckingham (2006) salienta que os responsáveis pela criança estão diariamente imersos em suas longas jornadas de trabalho, ocupados e estressados, logo, transferem suas expectativas e ansiedades sobre a criança, esperando que esta obtenha um bom desempenho em suas atividades rotineiras e, essencialmente, no segmento escolar. Nesse sentido, Ferreira, Ferreira e Melo (2021, p. 215) afirmam que “a teoria de Postman (2012) é reforçada por Elkind (2004, p. 174), na medida em que este autor afirma que ‘esperamos que as crianças cresçam rapidamente e nos deem menos trabalho’”.

Por conseguinte, a escola, como segundo elemento, atua para reforçar o comportamento dos pais que pressionam a criança a sentir-se ansiosa pelo medo de um

possível fracasso acadêmico, e Buckingham (2006, p. 18) argumenta que “as escolas tornaram-se produtivistas, obcecadas por avaliação e pelo treinamento impositivo de ‘habilidades básicas’”.

Analisando o autor supracitado, Weber e Francisco-Mazzeffolli (2016) apontam que a criança passa muito tempo sozinha em casa, com obrigações e compromissos, e diariamente estimulada a comportamentos adultizados. Além disso, com a variedade de opções de mídia, aqui como terceiro elemento, a criança possui acesso livre a conteúdos inadequados, conseqüentemente, a infância se encurta e a imaturidade surge, emergindo a criança adultizada e imatura que depende dos pais.

O fácil acesso à informação também permitiu que conteúdos inapropriados como sexo, drogas e violência atingissem a infância. Essa tem, de fato, chegado ao fim anos mais cedo do que acontecia anteriormente, mas, por outro lado, o período de dependência da criança ao adulto tem aumentado. Vive-se em uma época em que a fase da infância se encurta, mas a imaturidade, a dependência financeira e o projeto de família se alongam (WEBER; FRANCISCO-MAZZEFFOLLI, 2016, p. 5).

Dos meios de comunicação, a televisão, em especial, é amplamente criticada por Postman (1999, p. 94), que a denomina como o “meio que escancara tudo”, visto que o usuário não precisa aprender como esse meio funciona para utilizá-lo; não exige o desenvolvimento psicológico superior, e nem comportamentos específicos; por fim, não separa o público adulto do infantil. Entretanto, os autores Ferreira; Ferreira e Melo (2021) alertam que, no tempo presente, a internet e as redes sociais descortinam os segredos dos adultos, repassando-os a criança, que por sua vez, o seu modo de agir revela a incorporação de características adultizadas.

Segundo Postman (1999), as questões e dúvidas que a criança possui acerca dos segredos da vida adulta devem ser respondidas pelos pais no momento em que a criança está pronta para compreendê-los. Entretanto, na contemporaneidade a mídia assume este lugar de mediação parental, e sem qualquer restrição desvenda os segredos dos adultos para a criança, assim como, desafia a autoridade dos pais.

Como a mídia funde os dois mundos, como a tensão criada pelos segredos a serem desvendados diminuí, o cálculo do espanto muda. A curiosidade é substituída pelo cinismo, ou pior ainda, pela arrogância. Restam-nos, então, crianças que confiam, não na autoridade do adulto, mas em notícias vindas de parte nenhuma. Restam-nos crianças que recebem respostas a perguntas que nunca fizeram (POSTMAN, 1999, p. 104).

Dos conteúdos ilimitados que a mídia oferece a criança destacam-se a publicidade, a propaganda e o marketing. A criança representa um grande poder de compra, na qual, o

mercado e suas práticas de marketing encontram nela um alvo fácil para disseminar estímulos consumistas desde a mais tenra idade (WEBER e FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016). Contudo, as autoras reforçam que existe uma clara confusão na diferenciação da criança e do adulto na esfera do mercado consumidor, sobretudo, na publicidade, pois, a dificuldade em separar essas categorias tem como fruto: a infância adultizada (figura 11) e o adulto infantilizado (figura 12).

Postman (1999), em meados dos anos 90 alertava sobre a mudança da figura da criança e do adulto em filmes, comerciais e séries da época, na qual, a criança é retratada com comportamentos desavergonhados, libidinosos, utilizando linguagem adulta, vestindo-se como seus pais e cantando músicas adultas. Ao mesmo tempo, ascende o adulto infantilizado, que se apresenta como um sujeito que não trabalha e, se trabalha, não leva a sério seu emprego, é alguém sem opção política, que não consegue desenvolver conversas interessantes, não possui tradições e nem planos futuros.

Figura 9 - Infância adultizada



Fonte: Shoujo-cafe

Figura 10 - Adulto infantilizado



Fonte: Escrevalolaescreva

“*Sabendo sempre te cativar!*” é a frase que estampa a propaganda de sapatos da Figura 9, na qual, a criança adultizada de cabelos longos, posa seminua, com a mão sobre a boca, vestindo uma calcinha de babados e um par de sapatos de salto alto amarelo. No chão da figura encontram-se mais pares de sapatos vermelhos e um colar de pérolas, objetos e cores que remetem ao vestuário adulto.

Na Figura 10, a mulher pedala uma bicicleta infantil e de modelo antigo, seu vestido vermelho esvoaça com o movimento do pedalar, revelando suas pernas e que deixam a dúvida se veste ou não uma calcinha, porém sua expressão facial revela um sorriso infantil. Há também várias fitas na figura, tanto no cabelo da mulher quanto na bicicleta, que remetem a algo do imaginário infantil.

O crescimento da indústria de moda infantil no Brasil demonstra que empresas deste ramo têm focalizado suas produções para um público novo que emerge neste cenário da adultização infantil: a criança exigente. Weber e Francisco-Maffezzolli (2016, p. 11) definem esses sujeitos como miniadultos que não gostam de usar as mesmas roupas todos os dias, escolhem como se vestem e “acompanham as tendências de moda pela internet, em novelas infantis e na própria escola”.

Figura 11: A criança sensualizada/sexualizada.



Fonte: Compilação do autor²

A Figura 12 apresenta um compilado de campanhas publicitárias, nas quais a criança apresenta-se com vestimentas sensuais, acessórios e produtos que remetem ao vestuário de mulheres adultas. A composição das imagens oscila entre trajes luxuosos, salto alto, produtos de maquiagem, biquínis, poses sensuais e seminuas. A feição da criança em algumas fotografias está séria, o olhar ousado, expressando uma sensualidade adulta. Em outras cenas, as poses insinuam um tom de fragilidade e inocência ao mesmo tempo em que erotiza a criança. “Use e se lambuze” e “A inocência é mais sexy do que você pensa” são frases sexualizadas que compõem as campanhas de moda e vestuário infantil.

Com base no exposto, Ferreira; Ferreira e Melo (2021) explicam que a adultização infantil é um fenômeno que ocorre no período medieval, mas na contemporaneidade assume novas características. A criança adultizada, segundo os autores, assemelha-se a criança medieval, pois agia como adultos, vestia-se em trajes adultos e, considerada um adulto em

² Montagem a partir de imagens coletadas nos sites Publicidade Infantil e The Society Pages.

miniatura. Weber e Francisco-Maffezzolli (2021, p. 2) reiteram que “o fenômeno da adultização manifesta-se no contexto social de uma infância reinstitucionalizada” e, para Ferreira; Ferreira e Melo (2021) está fundamentada em conceitos neoliberais, na qual a criança é incentivada a ser um sujeito independente e consciente, que se expressa e consome tal qual um adulto.

Nesse viés capitalista, a criança torna-se alvo do mercado, assim a infância contemporânea vem sendo bombardeada por estímulos consumistas que são movidos por “desejos de adultos, uma infância que, aparentemente autônoma, de fato, é guiado à compra, ao consumo, à escolha utilitarista do mercado. Uma criança adequada ao mercado e por ele guiada” (FERREIRA; FERREIRA; MELO, 2021, p. 215).

Hoje, além dos pais investirem cada vez mais comprando produtos para seus filhos, as próprias crianças recebem dinheiro para gastar de acordo com seus desejos. Elas são um nicho atual e também um potencial mercado futuro. Além de futuras consumidoras mais fiéis quando criam relacionamento e vínculo emocional com as marcas desde cedo (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 2).

Em síntese, percebe-se que estamos diante do surgimento de uma nova categoria de infância que tem suas raízes no período medieval. A infância adultizada é uma construção contemporânea reforçada, sobretudo, pelo sistema capitalista neoliberal, no qual a criança socializa em uma esfera de estímulos consumistas e incentivos de adultos que conduzem a criança a crescer antes do tempo. Contudo, esse comportamento resulta em uma criança que embora seja vista como adulta, é, porém, imatura e dependente dos pais.

Ferreira; Ferreira e Melo (2021) destacam que a imposição adultificada provoca na criança uma visão distorcida de mundo, a torna refém da *performance* e da competitividade e acaba desencadeando sofrimento psicológico sobre esse sujeito. E, se pensarmos na criança que possui acesso ilimitado as redes sociais, os efeitos do marketing podem ser ainda mais intensos e, ainda desconhecidos. Os estímulos adultizados são fruto de estudos que “[...] indicam que as crianças são mais permeáveis aos estímulos de marketing e sua influência extrapola o âmbito do consumo e passa a agir no seu desenvolvimento, gerando comportamentos de consumo excessivo, obesidade, erotização precoce [...]” (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 9).

De um lado, temos uma criança tão imersa em compromissos e características do mundo adulto que parece não lhe sobrar tempo para as brincadeiras e comportamentos típicos da infância. Por outro lado, Ferreira; Ferreira e Melo (2021, p. 220) salientam que embora as crianças “estejam envoltas no mundo adulto, encontram, ao seu modo, formas de experienciar a infância através da qual forja a sua sociabilidade.”. Nesse sentido, os autores apontam que o

brincar é crucial na infância, e ao brincar a criança encontra refúgio e protege-se do mundo adulto. Por fim, Weber e Francisco-Maffezzoli (2021) atentam para a necessidade de entender e estudar as consequências dessa nova categoria de infância que emerge na sociedade, além de buscar respostas aos efeitos do mercado capitalista sobre essa criança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa compreende-se que a infância é uma construção histórica que se desenvolve a partir das condições sociais, materiais, comportamentais e educacionais ao longo dos séculos. Inicialmente apresentamos que a partir de historiadores da infância descobrimos que a criança na Idade Média segundo Ariès (1986), era vista como um adulto em miniatura, não havia separação entre as duas classes, adulta e infantil. Desse modo, ao completar 7 anos a criança tornava-se um adulto, e estava pronta para trabalhar e experienciar as vivências adultas deste período.

Com o florescer do sentimento de infância no século XIV, a criança passa a ser protagonista de pinturas em telas, este sentimento se fortalece junto ao sentimento de família, em que a criança passa a ser protegida e cuidada pelos pais. Contudo, o despertar para a infância nasce nas classes nobres, pois, é neste meio em que observamos através das telas a necessidade de datar em retratos as informações sobre as famílias, e como a nobreza criou trajes infantis, diferenciando os meninos das meninas no modo de vesti-los. E as crianças oriundas de classes desfavorecidas, por sua vez, permaneciam submetidas ao trabalho em ambientes adultos.

Nesse sentido, ao se pensar na infância contemporânea, percebemos que estamos diante de uma infância reinstitucionalizada, em que o fenômeno da adultização infantil nos lembra a criança miniadulta medieval, porém, situada em condições diferentes deste período. Isto pois, na contemporaneidade a sociabilidade dos indivíduos é regida a partir do sistema capitalista neoliberal vigente, em que a criança é exposta a uma esfera voltada para o consumo, movido por estratégias de marketing que veem na criança um potencial de fiel consumidor, por ter a capacidade de formar gostos, estilos e desejos, a estratégia neoliberal é usar a criança desde a tenra idade para o consumo.

Ao mesmo tempo, vivemos em uma sociedade tecnológica, em que já não é mais tão fácil impedir que as crianças tenham acesso aos mesmos conteúdos que um adulto consome, sobretudo, porque na lógica capitalista neoliberal, não há necessidade de separar essas duas categorias e manter os segredos adultos guardados até que a criança esteja pronta para descobri-los. Esta é a sociedade que dá origem a criança adultizada, que compra, consome e age como se adulto fosse. É uma infância acelerada, cheia de compromissos e obrigações que são reforçados pela família e pela escola.

Através de fotografias, notamos que a criança contemporânea, vítima das estratégias do marketing, é apresentada como um adulto em miniatura, vestida e ornamentada com

adereços adultos que resultam em uma imagem erotizada, sexualizada, que pode contribuir para um efeito negativo na construção de identidade desta criança no futuro. Além da exposição de imagem no meio midiático, que deixa a criança vulnerável a possíveis ataques de pedofilia.

Assim, é notório que estamos diante de uma infância contemporânea problemática, que claramente necessita de mais atenção e discussões aprofundadas acerca dos riscos dessa criança que incorpora comportamentos adultos tão cedo. No contexto tecnológico em que vivemos, urge que a criança seja preparada para lidar com as mídias eletrônicas, pois, ao mesmo tempo em que oferece exposição ilimitada aos segredos da vida adulta, é também um instrumento necessário para a socialização neste mundo globalizado.

A partir disso, é imprescindível a ampliação de debates acerca do tema, buscando proteger a criança das estratégias neoliberais do mercado capitalista vigente, a fim de possibilitar uma nova forma de sociabilização saudável, lúdica e infantil para a criança contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADULTIZAÇÃO e Erotização Infantil ou a Pior Propaganda do Dia das Crianças de Todos os Tempos. Shoujo-cafe.com. Disponível em: <<http://www.shoujo-cafe.com/2013/10/adultizacao-e-erotizacao-infantil-ou.html>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ANNE. **Family and home**. Blogspot.com. Disponível em: <http://sixteenth-centuryeurope.blogspot.com/2007/10/family-and-home.html%3E>. Acesso em: 19 jun. 2023.
 ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

A SOCIEDADE que infantiliza mulheres e sexualiza meninas. Blogspot.com. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/10/a-sociedade-que-infantiliza-mulheres-e.html>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006. Título original: After the death of childhood: growing up in the age of eletronic media. Trabalho não publicado. Buckingham - Crescer na era das mídias - inteiro.doc. 1 arquivo (760 Kb). Word 2003.

BRAGA, Douglas. A infância como objeto da história um balanço historiográfico. **Revista Angelus Novus**. USP – Ano VI, n. 10, p. 15-40, 2015.

BRUEGEL for children - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/BwXxz2b9OP6tLQ>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CALDEIRA, Laura Bianca. **O conceito de infância no decorrer da história**. Educadores, 2010.

CRIANÇA Morta - Candido Portinari - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/crian%C3%A7a-morta/nQEpcxw6cW9fOQ>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FERREIRA, Hugo Monteiro; FERREIRA, Fernando Ilídio; MELO, Bruno César De Farias. A adultização infantil na contemporaneidade: as escolhas das crianças. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 68, p. 208-223, 2021.

FUTEBOL - Candido Portinari - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/soccer/twECg4xY-DFMDw?hl=pt-br>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 284p.

MEISTERDRUCKE. **As crianças de Habert de Montmort, 1649**. MeisterDrucke. Disponível em: <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Philippe-de-Champagne/75119/As-crian%C3%A7as-de-Habert-de-Montmort,-1649.html>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

NIEHUES, Mariane Rocha. COSTA, Marli de Oliveira. Concepções de infância ao longo da história. **Revista Técnico Científica**, v. 3, n. 1. 2012. p. 284-289.

OLIVEIRA, Keyla Andrea Santiago; RIBEIRO, P. R. Infâncias e Crianças sob o olhar de Portinari. **Educativa**. Educativa (Goiânia. Online), v. 17, p. 453-470, 2014.

OLIVEIRA, Keyla Andrea Santiago. **A concepção de infância retratada nas obras de Cândido Portinari**. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

OLIVEIRA, Keyla Andrea Santiago. A concepção de infância retratada nas obras de Cândido Portinari. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, 2008, Goiânia.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999. 190p. Publicidade Lilica Ripilica. publicidade infantil. Disponível em: <<https://publicidadeinfantil.wordpress.com/2014/11/24/publicidade-lilica-ripilica/>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

RETIRANTES - Candido Portinari - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/retirantes/0wG7L0YeJ3fzfQ>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

RODA Infantil - Candido Portinari - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/children%E2%80%99s-dance/1gFh5TIFudnCCw?hl=pt-br>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

THE CENSUS at Bethlehem - Pieter Bruegel the Elder - Google Arts & Culture. Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/the-census-at-bethlehem-pieter-bruegel-the-elder/JwGxiyxYTZZEog>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

THE SOCIETY pages. “Because Innocence is Sexier than You Think”: Vintage Ads - Sociological Images. thesocietypages.org. Disponível em: <<https://thesocietypages.org/socimages/2008/11/13/because-innocence-is-sexier-than-you-think-vintage-ads/>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

WEBER, Tiziana Brenner B.; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. In: **Intercom**—Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul—Curitiba-PR—26 a. 2016.